

Prólogo, Berlim

A FORMA FEMININA, pequena e esguia, estava por entre as sombras para lá da porta. Do sítio onde me encontrava, via o sol a bater no passeio, mas a roupa que ela usava seria para uma estação mais fria. À volta do pescoço tinha um lenço castanho-avermelhado, uma capa curta e um cachecol branco com renas vermelhas a saltitarem pela trama.

— *Guten morgen*. — Era a primeira vez que via uma boca japonesa dar forma às consoantes alemãs. O meu alemão era demasiado fraco para perceber se o sotaque dela tinha vestígios do Connecticut. Correria o rio Saugatuck pelas suas vogais? Ou falaria como alguém que tivesse vivido sempre nas ruas carregadas de história de Berlim?

— Yukiko Oyama? — Deixei cair a mão semi-erguida ao lado do corpo. — Deve estar à minha espera. Por causa dos bens do seu marido.

— Entre — disse a minha mãe. Se reconheceu as minhas feições, não o revelou. Caminhou devagar, agarrada ao corrimão e, por mais irracional que possa parecer, pensei como poderia uma pessoa tão pequenina ser a minha mãe. A sua pequena mão presa ao corrimão de ferro parecia tão inocente como a de uma criança. Mas a verdade é que as más acções não fazem o corpo inchar. Por impulso, estendi a mão para ela. Estava voltada de costas para mim. Por um momento, deixei que as pontas dos meus dedos aflorassem o cachecol das renas, num gesto súbito de perdão. Era macia a lã, muito macia. Retirei rapidamente a mão.

Descalçou os chinelos junto à porta da rua, revelando as várias camadas de meias. Parecia ter mais de sessenta anos. Muito magra. O cabelo caído dentro e à volta dos cachecóis tinha longas madeixas brancas. Já uma vez tinha pensado como seria a minha vida, se me tivesse levado com ela. Por cima da mesa, onde teria ficado bem um ramo de flores, estava um pote de vidro com xi-actos. Os móveis tinham manchas de tinta. Ouvia-se o ruído de fundo de um radiador.

— Chá? Aceita uma chávena de chá?

Assenti, acenando com a cabeça. A cuba de esmalte do lava-loiça estava cheia de frascos vazios. Pôs uma cafeteira sobre a chapa do fogão. Tossiu, com uma mão a fazer pressão na garganta e a outra curvada sobre a boca. A tosse, que parecia crepitar, só parou ao fim de um minuto.

— Estou doente. Custa-me falar. Desculpe. — A voz era rouca, as palavras como que raspavam.

A cadeira de dobrar, de plástico, deu um estalido quando me sentei. Pus as mãos à volta da caneca que ela me deu. Era chá verde, daquele barato que vem em saquetas e é sempre ligeiramente amargo. Mas o calor da caneca sabia bem. Ela tinha abandonado a nossa família, para quê? A troco daquela casa miserável?

— Como lhe disse, estou aqui por causa dos bens de Mr. Eaves.

Ela baixou os olhos, pintalgados com manchas amareladas de sono. Torceu os dedos sobre o cachecol, como uma criança de escola a ser admoestada.

— Era casada com ele. Não era? Ele morreu há pouco tempo.

Fiquei à espera que perguntasse com quê. Levantou a caneca até à cara e encostou-a à face. Para sentir o calor, presumi.

— Ele deixou-lhe a casa onde viveram. — Tirei os papéis da mala e empurrei-os para ela sobre a mesa manchada de tinta. — Só preciso que assine a escritura. Tem uma caneta? Claro que vai ser preciso pagar os impostos sobre imóveis. — Tinha esclarecido tudo isso com o advogado da empresa do meu pai. — Mas, se calhar, vai querer vender a casa. Posso pô-la em contacto com um agente. Vai ter de assinar aqui, e aqui.

Procurou no bolso do casaco e tirou um lápis de cera preto. Endireitou os papéis e semicerrou os olhos para ler as letras mais

pequeninas. Escreveu o nome devagar. A sua assinatura era direita, simples e cuidadosa. Passou-me a primeira folha, assinou a segunda e depois parou, com a ponta do lápis ainda encostada ao papel. Olhou fixamente para o seu próprio nome.

— O meu filho? Onde é que ele está?